

## O NEGRO NA *PLACAR*

### *EL NEGRO EN LA PLACAR*

Claudio Aurélio Leal Dias Filho<sup>1</sup>  
(IFMT)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar três matérias da revista esportiva *Placar* de três edições diferentes, que trazem textos referentes à presença do negro no futebol brasileiro. A publicação analisada foi referencial na informação esportiva brasileira nas décadas de 1980 e 1990 do século XX, mais especificamente relacionada ao futebol. Aqui analisaremos exemplares que estão entre os anos 1983 e 1988, ano em que foi comemorado o centenário da promulgação da Lei Áurea. Foram escolhidos exemplares que contêm a temática racial de forma destacada e relacionamos o texto da publicação a análises sobre o racismo na sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; futebol; racismo; esporte; sociologia.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (Universidade Federal de Mato Grosso), doutorando pelo mesmo programa e professor EBITT no Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Pontes e Lacerda, Brasil.  
E-mail: claudiodias47@gmail.com

**RESUMEN:** El objetivo de este artículo es analizar tres artículos de la revista deportiva *Placar* en tres ediciones diferentes, que traen textos sobre la presencia de personas negras en el fútbol brasileño. La publicación analizada fue una referencia en la información deportiva brasileña en los años 80 y 90 en el siglo XX, más específicamente relacionada con el fútbol. Aquí analizaremos especímenes que se encuentran entre 1983 y 1988, cuando se celebró el centenario de la promulgación de la Ley de Oro. Elegimos ejemplos que resaltan el tema racial y relacionamos el texto de la publicación con los análisis sobre el racismo en la sociedad brasileña.

**PALABRAS - CLAVE:** Comunicación; fútbol, racismo, deporte, sociología

## Introdução

O objetivo deste artigo é analisar alguns exemplares da revista esportiva *Placar* (*Placar* N° 670, do dia 25 de março de 1983, a edição 675, também de 1983, e número 936, de 13 de maio de 1988), que trazem textos referentes ao negro no futebol brasileiro. A revista *Placar*, desde seu primeiro número em 1970, tornou-se uma referência na informação esportiva brasileira noticiando principalmente o futebol. A publicação teve grande circulação até o início dos anos 1990 e tinha uma periodicidade semanal, com uma distribuição por quase todo território nacional.

A motivação deste estudo surge da leitura do artigo “O Elogio ao Negro no Espaço do Futebol: Entre a Integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias” (ABRAHÃO e SOARES, 2009). Por meio das análises sobre o racismo no futebol realizadas por Abrahão e Soares, veio-me a lembrança de um exemplar da revista *Placar*, no qual era tratado o tema “O Negro no Futebol Brasileiro”. Essa publicação fez uma homenagem ao aniversário de 100 anos da Lei Áurea. A revista, perdida na minha memória, veio à tona e com

ela o desejo de relê-la passados 20 anos, agora com o objetivo de fazer uma leitura crítica. Do meu acervo de colecionador (entre os anos de 1987 e 1991) de Revista *Placar*, poucos exemplares restaram. Na internet, onde tive acesso ao acervo digitalizado da revista no *Google Books*, justamente o número da revista a ser analisada não foi encontrado. Pesquisei na rede e consegui comprar a revista como artigo de colecionador, o exemplar número 936 de 13 de maio de 1988. Em paralelo, fui pesquisando no site com o acervo da revista (em que está disponibilizado grande parte das revistas), colocando como palavras-chave no sistema de busca “negro no futebol brasileiro” e “racismo”, tendo como resultado várias matérias sobre o assunto, um número muito maior que o esperado, sendo o tema recorrente no final dos anos 1970 até o fim dos anos 1980. Tive acesso a um farto material de análise e examino aqui, mais especificamente, dois números da revista em que encontrei matérias com maior ênfase a respeito do tema, junto com o exemplar motivador do estudo.

### **1988: Um centenário, uma nova copa e um velho problema**

O exemplar 936 traz algumas diferenciações importantes e merece um destaque dentro da trajetória de *Placar*, pois o tema do negro no futebol sai das páginas internas e vai para a capa. Dentre os exemplares analisados, foi o único publicado no qual o assunto foi destaque como matéria de capa.

Iniciemos a análise pela publicação de 1988, ano do centenário da Lei Áurea. Nesse ano, o fim da escravidão e o racismo ganharam maior repercussão na sociedade brasileira. O debate girava em torno do que mudou nesses 100 anos.

No dia 13 de maio de 1988, a *Placar* publica sua edição semanal com a capa estampando 11 jogadores negros que atuavam em 11 clubes diferentes naquele ano. A chamada era explícita: *O negro no*



Revista *Placar* n° 936.

*futebol brasileiro – bola cheia de raça.* O tom é positivo, não há referências diretas ao racismo no futebol. Foram convidados 12 jogadores de times participantes do Clube dos 13<sup>2</sup> e mais o Curitiba (participante convidado da Copa União). Dos 13 convidados, os únicos que não

participaram foram as duas agremiações do Rio Grande do Sul (Internacional e Grêmio), que não enviaram atletas para tirar a foto em São Paulo como revelado no editorial da revista. A reportagem na parte interna da revista se inicia com a seguinte chamada: “Durante as comemorações dos cem anos da libertação dos escravos, a História lembra os tristes momentos de preconceito em campo, superados com muita garra”. A chamada afirma uma postura positiva e uma superação do preconceito racial no futebol. Ao negar a existência do preconceito no campo, a revista estaria negando-o também na sociedade ou afirmando o lugar onde o negro poderia ser respeitado de igual para igual?

A revista assevera, a partir de uma “pesquisa” feita, que “entre os craques da Copa União, 35% tinham pele escura”. Dado presente na manchete, contudo, essa informação é pouco desenvolvida durante a matéria e muito menos foi esclarecido o critério utilizado para chegar a esse número. Uma pesquisa de Vieira (2003), feita com jogadores da 1ª, 2ª e 3ª divisão do futebol carioca, aponta uma maioria de 41,0 % dos jogadores como pardos, 25,0 % são negros e 34,0 % brancos, mas quando o pesquisador faz o recorte de ganho salarial contabilizando os jogadores que recebem mais de 20 salários mínimos (pagos geralmente em grandes clubes e alguns de médio porte), a tabela se inverte: 24,8% deles são brancos, negros são 14,8% e 12,2% se definem como pardos, e na base da pirâmide ganhando até 01 salário mínimo, a distribuição de jogadores mostra os brancos sendo minoria com 26,6%, já os negros são maioria com 48,1%, enquanto os pardos são 33,6%. Para Vieira, “... fica nítido que os jogadores brancos estão situados nos estratos mais elevados da distribuição salarial, enquanto os jogadores negros estão mais representados no primeiro estrato” (VIEIRA, 2003, p. 231).

Na pesquisa da edição de *Placar* publicada em 1988, o universo de jogadores pertencia aos 16 times da elite do futebol brasileiro, revelando o número de 35% de jogadores “que tinham a pele escura”, no entanto não declara se o critério foi o de autoafirmação, análise

classificatória dos próprios jornalistas por esse motivo, os dados ficam prejudicados. Ao compararmos com outras pesquisas, o termo pele escura é bastante impreciso, não ficando explicitado se foram somados os negros aos pardos para se chegar a esse número. A revista aponta uma tendência de queda na participação dos negros no futebol brasileiro, pois, segundo a publicação, a presença de negros em 1970 nas mesmas equipes era de 42% (nesta afirmação é usada a categoria negro) e no 1º censo do futebol feito pela Revista Placar, no ano de 1980 (edição de Nº 546), o número era de 49 % (a revista soma os 22% de negros com os 27 % de mulatos (17 outubro de 1980, pág. 6, Nº 546) . A revista abre espaço para o comentário do jornalista e ex-técnico da seleção brasileira entre 1969 e 1970, João Saldanha, que indica como motivo da redução da participação dos negros na elite do futebol brasileiro o fato de que “Para entrar nas escolinhas, os garotos são obrigados a levar chuteira... Será que esses neguinhos de favela têm condições de comprar uma? Já ficam fora de cara”. A escolinha de futebol é o contraponto do futebol de várzea que deu ao Brasil grandes jogadores como Garrinha, mas o projeto de “modernização” do futebol e do próprio espaço urbano, não aceita esse modelo. Depois da derrota na Copa de 1966, a técnica e o modelo europeu de futebol científico passam a ser perseguidos por muitos técnicos, jornalistas e dirigentes. Soma-se a isso o processo de urbanização das cidades que diminuiu consideravelmente os espaços para os campos de várzea. Nesse modelo de futebol, os “Garrinchas” têm menos espaço.

A revista assinala a ascensão da classe média que estaria “branqueando o quadro de jogadores, pois estes estariam atraídos pelos bons salários pagos nos grandes times”. Fenômeno que é identificado por Vieira.

Desta forma, percebe-se que o perfil dos jogadores de futebol está modificando e famílias brancas de classe média estão cada vez mais assistindo seus jovens optarem pelo futebol como profissão fenômeno é o reverso do que aconteceu no início do século quando a elite defendia

a prática do futebol amador ao invés do profissional. Esta mudança de significado merece uma análise mais aprofundada, no entanto, um primeiro olhar permite supor que a monetarização exagerada do futebol que passou a oferecer salários milionários é um dos possíveis causadores desta mudança (VIEIRA, 2003, p. 12).

Mesmo levantando essas questões, *Placar* certifica, com a frase do editor de esportes do Jornal do Brasil, João Máximo, que “o negro continua dando uma importante contribuição. Eles é que criaram o jeito brasileiro de jogar”. Para reforçar essa ideia, a revista traz a opinião de um dos jogadores presentes na foto de capa, Adílio (ex-Flamengo e, naquele ano, jogando pelo Curitiba), que afirma, “Nossa ginga e malícia são fundamentais para o futebol brasileiro”. A partir daí a revista conta a história do futebol brasileiro e as dificuldades que os negros tiveram para serem reconhecidos. A matéria vira um resumo da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, do jornalista Mário Filho.

A revista compartilha e reafirma a ideia de Mário Filho a respeito da importância do negro para o futebol. Ideia fundamentada em uma idealização da miscigenação e no mito da democracia racial, fortalecido politicamente no Estado Novo. No prefácio do livro de Mário Filho, o sociólogo Gilberto Freyre afirma que:

O desenvolvimento do Futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar, mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro - [...] O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa de concentradamente brasileiro no jogo de Domingos, como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado de Assis. [...] Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de um, dando-lhes

autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é (FREYRE, 2003 apud FILHO, 2003, p. 25).

Gilberto Freyre especifica que o futebol é essencialmente brasileiro. Ele é, basicamente, o resultado da construção do projeto mestiço, e se formou baseado nas características diversas que advêm das matrizes raciais que formam o povo brasileiro: o negro, o branco e o índio. Para Silva (2008), as ideias de miscigenação racial de Freyre influenciaram Mário Filho, que por sua vez contribuiu para a construção da imagem do negro no futebol brasileiro, ideias presentes no discurso da revista *Placar* analisada. Existe uma naturalização das características dos jogadores negros e mestiços, que retira-lhes o esforço e o contexto social e histórico em que estão submetidos. Como afirma Souza (1996, p. 128): “... a atribuição de características negras como fundantes do nosso futebol, devido ao sucesso do negro nesta esfera de atividade, é dada como hereditária, ao invés de ser explicada em função do racismo de nossa sociedade”.

O elogio ao futebol do negro acaba reforçando estereótipos relacionados à força física, a ginga, malícia, ao entretenimento, que Abrahão e Soares (2009, p. 18) citam como áreas moles que “...seriam todos aqueles espaços nos quais ser negro não dificulta e pode, às vezes, até dar prestígio”. Nestes espaços, o racismo seria menor e a presença do negro aceita, sendo esse o seu espaço social destinado na sociedade hierarquizada, assim os afrodescendentes teriam “as esferas bem delimitadas em que lhes é permitido destacar-se – esportes, artes cênicas e música, por exemplo”.

A matéria da *Placar*, que teria inicialmente o objetivo de fazer um elogio da presença do negro no futebol brasileiro, acaba incorrendo em ideias que reforçam estereótipos e preconceitos, não

conseguindo ir além das teses produzidas por Mário Filho e Gilberto Freyre no ano de 1947.

### **Santos em preto e branco**

Na Revista *Placar* nº 670, do dia 25 de março de 1983, é possível perceber uma abordagem que tenta ser elogiosa ao negro no futebol, mais especificamente a participação dos negros na equipe do Santos daquele ano, mas que, quando analisada a fundo, observa-se que carrega uma forte carga de estereótipos e preconceito que podem reforçar o racismo. Sobre o tema, a matéria se inicia desse modo: “Com seus novos crioulos endiabrados, como nos gloriosos anos 60, o time santista reencontra a velha força e reinicia uma tradição que se interrompera na Vila Belmiro”. Esta é a legenda da matéria que estampava a seguinte manchete, “O Poder negro na Vila”, em referência ao conceito *Black Power* (que ia muito além do nome de um corte de cabelo) usado pelo movimento negro americano *Black Panther*, contudo o cunho político é dissolvido em um discurso apenas da estética do negro e de sua ginga e raça. O texto começa repetindo máximas do futebol: quando o time estava mal era “só pintar uns três jogadores de preto que a situação melhora” e quando o jogo estava ruim as arquibancadas gritavam “falta negro nesse time”. No início da reportagem, afirma-se que tais máximas “é tudo folclore, mas não resta dúvida de que o futebol brasileiro deve sua grandeza ao negro”. Em seguida, a matéria cita grandes jogadores negros brasileiros desde Friedenreich, nos anos 1920, a Pelé nos anos 1970. Cabe mais uma vez a Mário Filho o suporte histórico e sociológico da reportagem reforçando a ideia da importância do negro para a popularização do esporte. E mesmo atribuindo como folclórica a máxima “falta preto nesse time”, *Placar* defende que “Realmente faltava” ao se referir a uma crise que o Santos passava naquele momento, após o fim da geração Pelé, em que, segundo a revista, o time era majoritariamente negro e comandado dentro de

campo por um. A matéria revela que no ano de 1980 o time chegou a não ter nenhum negro. Em 1983, o “Problema”, de acordo com a reportagem, foi resolvido com a chegada de vários negros. A matéria deixa entender que o Santos poderia voltar a ser “o” Santos de Pelé, pois conta com a presença de negros. O jogador Sergio, que, no ano anterior, era o único negro na equipe, afirma que “tinha saudade dos maninhos” (o termo mano se refere, nesse caso, não a parentesco de filhos de mesmo pai, mas sim possuem as mesmas características de cor da pele).



Capa da Edição n° 670.

A matéria inicia com um caráter mais jornalístico, com cunho histórico, depois passa para um tom mais de entretenimento quando insere as falas dos jogadores negros, para quem, segundo *Placar*, “um assunto sério não dura duas palavras e logo é levado na base de brincadeiras”. O jogador Camargo diz que o “prato preferido do brasileiro é feijão e arroz, pois faltava feijão no arroz do Santos”, em seguida, vem uma fala de Serginho (Chulapa), “É, o macaco está certo”, e Paulo Isidoro continua, “Nossa cor é bonita demais gente”.

Essa é a montagem com as falas dos jogadores feita pela revista para repercutir em suas páginas, fortalecendo a identidade criada por Mário Filho, na qual o futebol brasileiro se popularizou ao se miscigenar. A imagem da sexualidade do negro apontada por Gilberto Freyre no livro *Casa Grande e Senzala* aparece na fala do jogador Gilberto: “Já repararam que as mulheres são caidinhas por um crioulo?”. As positivamente seguem nessa linha, pois é este o espaço que a sociedade dá para a atuação dos negros, o destaque por seus supostos atributos físicos. Segundo Abrahão e Soares (2009, p. 19): “Os argumentos raciais para louvar o negro e suas aptidões corporais no futebol parecem ter servido para a construção da integração e da identidade nacional”. Todavia, a integração reforça o sistema hierárquico, pois, segundo Abrahão e Soares, “o lugar social que essas representações destinavam ao negro é distinto do lugar social destinado àquelas representações sociais consideradas superiores ou racionais, como a ciência, a política ou os negócios”.

Na reportagem, o tema racismo não é mencionado, apesar das manifestações que poderemos considerar como racistas, como quando Serginho chama o companheiro de macaco. A revista, ao reverberar essa fala fora de contexto, fortalece preconceitos e o uso de expressões com caráter racistas. Na sequência, a matéria trata da rivalidade entre brancos e negros e pergunta “quem é melhor?”. Serginho (identificado como II) responde que, “Técnicamente somos iguais”, mas, segundo o jogador, os negros “dificilmente terão duas oportunidades na vida”, por isso “quando ele surge, procuram se agarrar de todas as formas”. Esse é um trecho da matéria que esbarra no tema social, em um contexto no qual o futebol para muitos negros é a única chance de ascender socialmente.

O grande contingente de jogadores negros e pardos no futebol certamente relaciona-se com a não exigência de qualificações pessoais, tais como formação educacional ou recursos econômicos, para o ingresso nesta atividade profissional. Na verdade, as qualificações requeridas relacionam-se apenas com a própria capacidade de desempenho no

futebol, tais como: resistência, força, velocidade, visão de jogo e, sobretudo, habilidade com a bola. Por terem habilidades físicas, o aspecto econômico *a priori* não assume o caráter eliminatório que costuma ter em outros ramos profissionais que oferecerem situações similares de prestígio e *status* (VIEIRA, 2009, p. 229).

Na sua pesquisa, Vieira não encontra a mobilidade desejada pelos negros ao entrarem no futebol: “43,2% dos jogadores negros tenham experimentado uma mobilidade ascendente, o grupo, majoritariamente (53,1%), é caracterizado pela imobilidade social, expondo uma das informações mais reveladoras desta tabela”. Desta forma, segundo Vieira, “creditar ao futebol a característica e a função de agente de mobilidade social ascendente intrageracional dos jogadores negros não encontra respaldo, podendo ser até mesmo refutada a partir dos dados revelados nesta pesquisa” (VIEIRA, 2009, p. 234). Analisando os dados apresentados, Rodrigues conclui:

que alguns valores e crenças relacionados à presença do negro no futebol, como a ascensão social fácil e a inexistência de desigualdade e discriminação são mitos que não encontram evidências empíricas na realidade dos jogadores profissionais (RODRIGUES, 2007, p. 187).

Na matéria da *Placar*, o conflito entre brancos e negros aparece de forma muito dissimulada. No final da matéria, o treinador e ex-jogador do Santos na era Pelé, Formiga, lembra que nos anos 1960 era comum o jogo na equipe santista entre brancos e negros e que agora, com o retorno dos negros, a equipe reativaria essa prática. Esses jogos entre negros e brancos fazem parte da história do futebol brasileiro.

(...) em 13 de maio de 1927, duas seleções se encontraram para uma partida em homenagem ao “aniversário da abolição”. Foi uma partida disputada entre os brancos, que pertenciam às melhores equipes paulistas,



e os negros, que atuavam nas divisões secundárias da Associação Paulista de Esportes Atléticos e em times da liga amadora de futebol. A “seleção negra” venceu a dos “brancos” por 3 a 2 diante de uma torcida numerosa e empolgada. O sucesso dessa partida, que podemos chamar do “jogo de pretos vs brancos”, fez com que o evento fosse repetido por mais de uma década, durante a qual era aguardado pela imprensa e pelos torcedores (ABRAHÃO e SOARES (2009, p. 16).

Esse tipo de jogo deixou de ocorrer oficialmente, mas como relata Formiga, a rivalidade se mantinha viva dentro do clube. Nos anos 2000, um jogo entre negros e brancos ganha notoriedade por meio do filme “Preto contra Branco”, documentário de Wagner Morales, que conta a história de um jogo de várzea entre pretos e brancos com mais de três décadas de existência. O filme discute o preconceito racial no Brasil, usando como referência um “clássico” do futebol de várzea entre moradores de dois bairros periféricos de São Paulo, como resume a sinopse do filme.

Desde 1972, um grupo de moradores do bairro de São João Clímaco e da favela de Heliópolis, maior favela da América Latina, organiza um jogo de futebol de brancos contra pretos no final de semana que antecede o Natal.

Em uma comunidade altamente miscigenada, composta basicamente por mulatos, a peculiaridade da partida é a auto-atribuição da raça pelo participante. Cada jogador se declara negro ou branco e “escolhe seu time.”<sup>3</sup>

O jogo retratado no filme não é nem um pouco amistoso e da vezão ao racismo existente na sociedade de forma escancarada. Na revista *Placar*, um dos jogadores negros (Toninho Oliveira), ao ser informado pelo técnico que ocorreria esse jogo “treino” no Santos, declara: “Entrarei no joelho”. Após essa declaração, em tom jocoso (mais forte), a revista ameniza e encerra a matéria assegurando que “o Santos nunca esteve tão unido e irmanado. Ganhando os torcedores, diretores, acima de qualquer raça” (p. 24).

## Grêmio em branco

Enquanto na edição 670, de 1983, a revista mostra o retorno dos negros ao Santos, na edição de Nº 675 ocorre justamente o contrário. *Placar* examina a falta de negros no Grêmio do Rio Grande do Sul, sendo a agremiação o único grande time do Brasil a não ter um único negro no seu plantel de titulares, possuindo apenas três negros na reserva. O título da matéria é *Branco Total no Olímpico*, e o subtítulo: “O time titular não tem nenhum crioulo e o elenco, de 24 jogadores, conta somente com três. Racismo? Não. Simples coincidência.” A revista levanta a questão, mas já antecipa a resposta na abertura da reportagem. A conotação racista existente no texto parte mais uma vez para tons jocosos, como na primeira frase “Os fabricantes de sabão em pó, que vivem tentando provar que seus produtos lavam mais branco. Tem agora à disposição um novo veículo de propaganda: as camisas do Grêmio”. A frase relaciona à limpeza ao que seria a raça branca deixando subentendido que ser negro é ser sujo. O texto prossegue indicando querer fazer o inverso do que a revista defendeu a cinco edições anteriores sobre a necessidade de negros no Santos. Segundo a matéria, o Grêmio ia muito bem sem negros, alcançando grandes resultados, o que deixaria “prejudicada a crença segundo a qual um time, para funcionar brasileiromente, precisa ter pelo menos um deles (negro)”. Em seguida, afirma que ninguém mais europeu (com o futebol objetivo) no elenco do que Tarciso (ponta-direita reserva e negro) e ninguém mais brasileiro (individualista e driblador) do que Renato Portaluppi (hoje mais conhecido como Renato Gaúcho), titular da ponta-direita do time, descendente direto de italianos (p. 30). Depois, a revista busca verificar se alguns jogadores são realmente negros pelas características físicas, “Na realidade Silmar não tem nada de negro, China apenas tem olhos amendoados e Caio, apesar de amorenado, tem feições europeias ...”, porém um outro jogador, Lumumba, argumenta a favor da negritude de Caio: “passou das 5h 30 para mim são 6 horas”. Em tom de brincadeira, entra o então técnico da



equipe Valdir Espinosa, que *Placar* faz questão de salientar que possui como melhor amigo um negro, afirmando que os negros devem voltar para o Grêmio: “nem que seja para reativar as batucadas, que acabaram desde que eles foram embora e os que estão aqui são metidos a brancos, só querem ouvir rock”. Permanece aí os estereótipos do negro que, se naquele contexto não serve mais para o futebol, deveria ao menos servir para fazer samba. A revista atribui a não presença de negros no Grêmio como uma coincidência e “nem seria justo ligar essa curiosidade a origem segregacionista do clube”, que só admitiu negros como jogadores após 1952. A publicação esportiva argumenta que pesa a favor do clube possuir 33% de seus funcionários negros, uma média “superior ao do Internacional que é time do povo”. Ao citar o Internacional, *Placar* levanta a rivalidade entre os dois times e ainda lembra que no Internacional “nos últimos dois anos houve duas queixas de racismo... feitas por Jair e Escurinho”. A matéria revela que não foram comprovadas, mas dá a entender que no rival é que existe a possibilidade de tal prática, no Grêmio não. O caso de Jair, jogador do Internacional, não é apenas uma denúncia de racismo no seu time, mas no seu estado, o Rio Grande do Sul, divulgada na própria *Placar*, no número 538 de 22 de agosto de 1980, com o título “Racistas não me deixam ser ídolo”.

No sul, negro não tem vez”, é um jogador do Internacional que está descontente com o clube mas a acusação de racismo não vai só para seu time mas para todo o estado do Rio Grande do Sul, não se resumindo ao futebol. Nascido em Porto Alegre, o jogador afirma que viveu 13 anos fora do seu estado e tinha medo de voltar, “porque dizem que era um estado racista. Hoje, infelizmente, sou obrigado a concordar que é verdade. É um racismo que impede o acesso a algumas coisas, ao status. Quando o negro ameaça se projetar eles derrubam ... (PLACAR, 1983, p. 51).

Anos depois, na edição que trata do Grêmio, a revista não menciona esse depoimento de Jair como uma denúncia ao estado

gaúcho, mas cita como uma acusação ao Internacional. Jair aponta o racismo existente no clube como um reflexo de uma sociedade racista.

O futebol não promove a igualdade racial, tendendo a reproduzir velhas questões sociais características da sociedade nacional. O esporte está sujeito as mesmas práticas vigentes (...) não promove a igualdade, parece que somente reproduz a estrutura do trabalho e do emprego predominante na organização social capitalista que se caracteriza pelas diferenças (RODRIGUES, 2007, p. 187).

Na matéria aqui analisada é perceptível essa estrutura racista da sociedade, não só no futebol como na prática do jornalismo, que reproduz e amplifica os preconceitos sociais sem uma perspectiva crítica.

### **Considerações finais**

Ao analisar as três matérias, duas que datam do ano de 1983 e outra do ano de 1988, foi possível verificar uma mudança de abordagem. As matérias de 1983 têm um tom fortemente jocoso ao tratar do tema negro no futebol, já na matéria de 1988, é patente um maior cuidado ao tratar do tema, buscando fazer uma homenagem a presença do negro no futebol. No entanto, é perceptível a dificuldade em reconhecer que o racismo está no tempo presente, o tempo verbal sobre o assunto é o pretérito “havia no Grêmio”, “havia no Rio de Janeiro”, “havia o jogo pretos contra brancos”. Há uma dificuldade em admitir a atualidade do tema. A capa de 1988 com todos os times do campeonato brasileiro (menos Internacional e Grêmio) com um representante negro, que estampa uma aparente harmonia que esconde os conflitos presentes no cotidiano do jogador de futebol negro, aparecem na pesquisa de



Vieira (2009). As matérias possuem um tom conciliador no final, em que “brancos e negros, na verdade, se complementam em campo”, reforçando o mito da democracia racial que, no passado, manteve o racismo na sociedade brasileira e em subalternidade até a primeira década do século XXI.

## Referências Bibliográficas

*Acervo Digital da Revista Placar*. [http://books.google.com.br/books?id=L5CwOs59tV8C&num=6&as\\_pt=MAGAZINES&source=gbs\\_all\\_issues\\_r&cad=1&atm\\_ay=1970#all\\_issues\\_anchor](http://books.google.com.br/books?id=L5CwOs59tV8C&num=6&as_pt=MAGAZINES&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_ay=1970#all_issues_anchor). Acessado em 31 de agosto de 2012.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, jan. 2009.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 29.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994.

PLACAR. *O poder negro volta ao Santos*. Edição nº 670. São Paulo: Editora Abril, 1983.

PLACAR. *Branco total no Olímpico*. Edição nº 675. São Paulo: Editora Abril, 1983.

PLACAR, edição nº 681. São Paulo: Editora Abril, 1983.

PLACAR. *O negro no futebol brasileiro – bola cheia de raça*. Edição nº 936. São Paulo: Editora Abril, 1988.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A situação do negro no futebol brasileiro: trabalho, desigualdade e vulnerabilidade social. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 4, p. 179-189, out./dez., 2007.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos: SP, nº 42-43, jan.-jul., 2003.

## Filmografia

*Preto Contra Branco*. Direção: Wagner Morales. TV BRASIL/DOC TV, 2004, 55 min., cor.

## Notas

<sup>2</sup> Clube dos 13 é a entidade representativa de 13 grandes clubes brasileiros que, no ano de 1987, funda a Copa União em oposição ao Campeonato Brasileiro, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

<sup>3</sup> <https://www.livrariacultura.com.br/p/filmes/filmes/documentario/doctv-preto-contrabranco-7033555>

